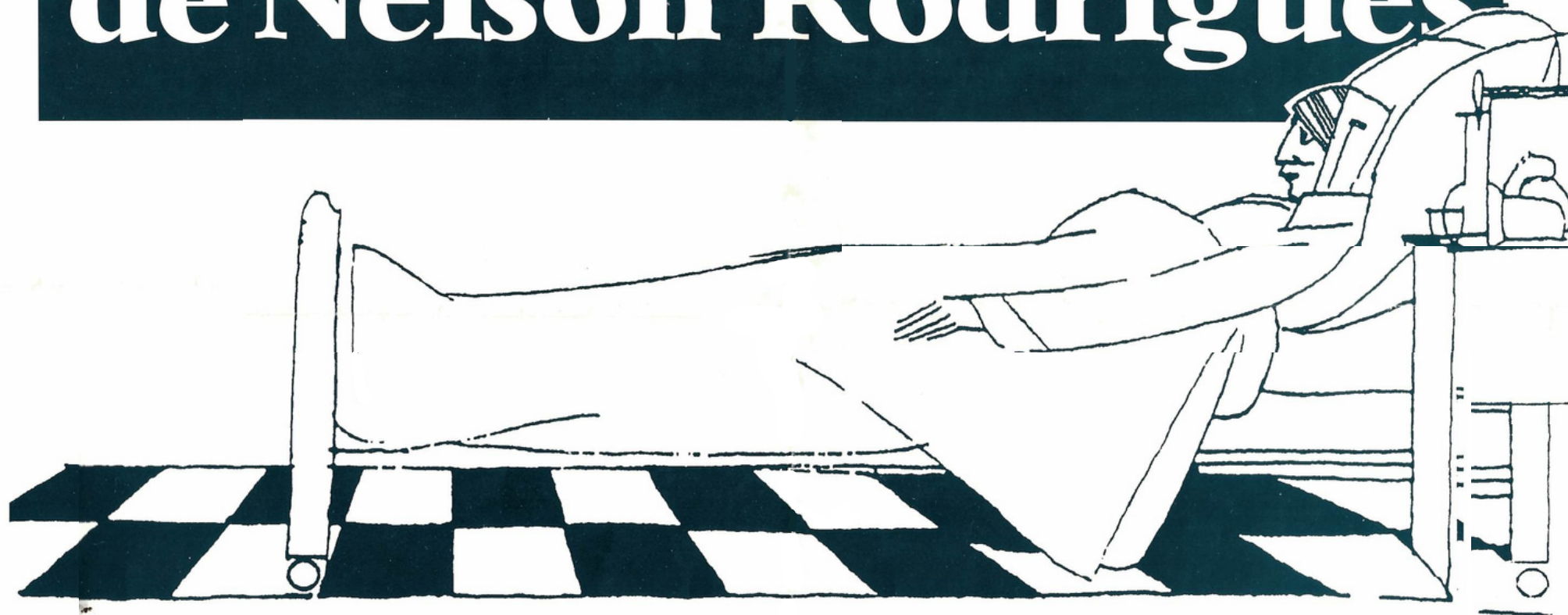


**ESCOLA DE
ARTE DRAMÁTICA
APRESENTA**

O CASAMENTO de Nelson Rodrigues



DIREÇÃO/MARIO PIACENTINI

EAD - ECA - USP

TEATRO LABORATÓRIO

Av. Prof. Luciano Gualberto, trav. J. 215

fone : 818 - 43 75

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Apoio



CANTINA D'AMICO PIOLIN

MAURICIO TATTOO
Tatuações Artísticas

Fone 3064 24 44

PRINTING PRESS

AGRADECIMENTO
Sr. Jordelino Formiga - MG

"O CASAMENTO" PROIBIDO

Lançado em setembro de 1966, "O Casamento" foi proibido pelo ministro da Justiça do governo Castelo Branco. A acusação era a de que, "pela torpeza das cenas descritas e linguagem indecorosa", o livro atentava "contra a organização familiar". A portaria do ministro era inconstitucional porque os livros estavam sob proteção da lei - não o podiam ser censurados ou apreendidos. No dia seguinte, Nelson Rodrigues reagiu à medida com esta crônica na sua coluna, "À sombra das chuteiras imortais":

1 - Amigos, dizia eu ontem que há um abismo fatal entre o grande povo e o subdesenvolvido. E expliquei: - o grande povo é cinico, ao passo que o outro ainda se ruboriza. É a verdade. Um pulha como Ricardo III seria impraticável no Brasil. Mas um império como o inglês, e uma cultura como a de lá, justifica esse e outros piores. E nenhum estadista brasileiro - se tivéssemos estadistas - faria uma indignidade como a de Bismarck. Para deflagrar uma guerra, ele falsificou um telegrama. Não tremeu, não ficou escarlate.

2 - Um descaro assim antológico é próprio dos povos superiores. Todavia, ressalvei umas poucas exceções. É que, apesar do nosso subdesenvolvimento, temos pessoas e instituições lívidas, quero dizer, pessoas e instituições es que não enrubescem, nem a tiro. Por exemplo: - a portaria que proíbe a venda do meu romance **O Casamento** em todo o território nacional.

3 - Imaginem que eu estava ontem em casa, quando bate o telefone. Era um repórter berrando: - "Teu livro foi cassado! Teu livro foi cassado!". Como no soneto bilauiano, eu fiquei pálido de espanto. O outro foi despejando mais informações: - "Portaria do ministro da Justiça, proibindo a venda de **O Casamento** em todo Brasil". Por um momento, eu não soube o que pensar, nem soube o que dizer.

4 - O espantoso é que a notícia tinha algo de antigo, de retardatário, de espectral. Ódio a livros, perseguição de livros, sacrifício de livros, queima de livros - são ritos do defunto passado nazista. Naquela horrenda Alemanha, tudo isso era possível. Mas no Brasil, não e nunca. Ou, então, o Brasil está muito degradado, e repito: - o Brasil está apodrecendo à nossa vista, no meio da rua.

5 - Desde a Primeira Missa, desde Pero Vaz de Caminha, pela primeira vez se odeia um livro e se quer a destruição física desse livro. Seus exemplares são cassados. É um crime ser livro. E esse ódio está - confesso e gritado no texto da portaria. Lá se fala em "torpeza de linguagem". Não, não. Torpeza de forma, de fundo, é a da própria portaria. E quem a redigiu não se ruborizou.

6 - O texto do Ministério, é, acima de tudo, burríssimo. Diz que o livro é contra a instituição do casamento. É falso. Podia sê-lo, e daí? Qualquer um pode discutir o matrimônio, o celibato, o adultério, a castidade, a viuvez. Acontece, porém, que o meu romance é anterior ao casamento. A mocinha se casa no último capítulo. E se casa de véu, grinalda, no civil e religioso. **O casamento** termina com os noivos na sacristia recebendo os cumprimentos. Sim antes dos salgadinhos e do guaraná.

7 - Vejam bem: - eu me dou o direito de ser contra quaisquer usos, costumes,

instituições, idéias, cultos. Penso como quero e não admito, nem aceito, que me ponham limites nos meus pontos de vista. Mas insisti: não há, nas minhas trezentas páginas, uma única e vaga objeção ao matrimônio. Um dos seus personagens chega a dizer, de frente erguida: - "Um casamento não se adia". Nem se adia, vejam bem, nem se adia.

8 - Portanto, eu tenho todo o direito de achar, com toda isenção e com toda objetividade, que a medida contra o meu livro é, além do mais, analfabética. Alguém leu **O casamento** e não percebeu a evidência ululante. Dirá o leitor que há palavras no meu livro. Mas seré o primeiro autor a usar palavras? Antes de mim, Shakespeare já os usava com a maior abundância e desfaçatez. Por outro lado, temos aí Henry Miller. Seus livros são intocáveis, e por que intocáveis? Eis a razão: - a pornografia com sotaque pode entrar nas casas de família. Mas eu não condeno o palavrão, e por que o condenaria? Invoco o testemunho do próprio Ministro que me acusa e me ofende. Duvido muito que, ao ler essa crônica, S. Exa. não a condene com três ou quatro expressões, dessas que fizeram a glória de Bocage. Não o dos sonetos, mas o das anedotas.

9 - Amigos, sou pior do que São Tomé. Nem vendo acredito. Diante de mim está o fato. Posso apalpá-lo, posso farejá-lo. E não acredito, ainda assim. Porque se acreditasse, a partir desse momento, eu teria vergonha de ser brasileiro e direi mais: - deixaria de ser brasileiro.

Em abril de 1967, o Tribunal Federal de Recursos deu ganho de causa ao mandato de segurança impetrado por Nelson Rodrigues e liberou "**O Casamento**".

Obra prima da literatura brasileira, o romance de Nelson Rodrigues, situa-se muito além de uma mera crítica à instituição matrimonial. Clara, direta e engenhosamente, sua obra expõe a imperfeição dos modelos sociais implantados ao longo da história. Modelos que não lograram abarcar grande parte das manifestações instintivas que acometem os seres humanos. Rotuladas de aberrações, tais manifestações são abominadas socialmente, mas permanecem vivas nas sombras do cotidiano.

Nossa versão teatral adotou o romance como estímulo básico de criação. Preservamos os diálogos rodriguanos.

Mário Piacentini

ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA APRESENTA

O CASAMENTO de Nelson Rodrigues



DIREÇÃO/MÁRIO PIACENTINI

ELENCO EAD 1999

Augusto Gomes
Eros Leme
Flávia Bertinelli
Helena Weyne
Igor Cotrim
Ingrid de Souza
Lilian de Lima
Marcello Airoidi
Milton Morales
Ricardo Schiller
Rodrigo Bolzan
Vera Lamy
Vivian Bertocco

FICHA TÉCNICA

Direção, Adaptação,
Iluminação e Trilha Sonora Mario Piacentini
Coodenador área teórica Nanci Fernandes
Coodenador área prática Luiz Damasceno
Cenografia Cyro Del Nero
Assistência de Direção Milton Morales
Preparação
Corporal e Coreografia Fernanda Haucke
Figurinos Acervo EAD
Som (discoteca particular) Paulo Bozzoli
Luizinho Bechara
Operação de Som Nani Freitas
Fotos Rene Brasil
Cenotécnicos: Hermínio Damasceno,
Nilton Ruiz Dias,
Zito Rodrigues
José Gomes
Costureiras: Doralice dos Santos
Silva
Célia Rodrigues
Coordenador técnico Mário de Castro
Produção executiva Bertha S. Heller

SEÇÃO TÉCNICA DO TEATRO LABORATÓRIO

Coordenador do Teatrolaboratório Mário de Castro
Produção executiva Bertha S. Heller
Alessandro Cicutto
Iluminação/Sonoplastia João Donda
Miló Martins
Cenografia, figurino e adereços Rafael Rios Filho
Paulo Basílio
Cenotécnica Hermínio Damasceno
Nilton Ruiz Dias
Zito Rodrigues
Costura Doralice dos Santos Silva
Célia Rodrigues
Auxiliar técnico José Gomes
Estagiários de Iluminação Francisco Serpa Peres
João Batista de Souza
Telma Carolina Smith
Estagiários:
guarda-roupa e contra-regra Joice Jane Teixeira
Julio Cesar Dória Alves

PROFESSORES EAD

Ana Maria Spyer
Antônio Luiz Januzelli
Celso Frateschi
Iacov Hillel
Luiz Damasceno
Nanci Fernandes
Rodrigo Santiago
Silvana Garcia
Yolanda Amadei
Andréa Kaiser
Carlos Alberto Beltran
Cláudio Lucchesi
José João Cury
Mônica Montenegro
Rachel Araújo Fuser
Sandra Regina Sproesser
Sílvia Bittencourt

SECRETARIA

Secretárias Joice E.C.Costa
Sirlene N.V. dos Santos
Diretora: Prof. a SANDRA REGINA SPROESSER
Vice-diretora: Prof. a ANA MARIA SPYER
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
Diretor: Prof. Dr. TUPÃ GOMES CORRÊA
Vice-Diretor: Prof. Dr. WALDENIR CALDAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Prof. Dr. JACQUES MARCOVITCH
Vice-reitor: Prof. Dr. ADOLPHO JOSÉ MELFI